

Da retórica aos resultados

Os demorados aplausos que o presidente Fernando Collor de Mello recebeu depois do discurso que fez no almoço que lhe foi oferecido terça-feira pela Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos e pelo Conselho e Sociedade das Américas são o mais evidente sinal de que está surtindo efeito o esforço "pedagógico" das autoridades brasileiras para mostrar ao mundo desenvolvido o Brasil Novo inaugurado em 15 de março, "onde o futuro já começou".

Até o exigente vice-presidente do Citicorp, o maior credor privado do Brasil, William Rhodes, que tem apimentado a ministra Zélia Cardoso de Mello cobrando insistentemente o pagamento de parte dos juros vencidos da dívida brasileira, considerou "excelente" o que ouviu do presidente Collor no discurso e durante uma conversa com 40 dos mais importantes empresários norte-americanos. E, seguramente, não foi o que Collor disse sobre a negociação da dívida externa que entusiasmou o sr. Rhodes.

Nessa questão, com tato mas com firmeza, Collor reafirmou a posição que tem sido enfaticamente defendida nos corredores do FMI e do Bird pela ministra da Economia e pelo presidente do Banco Central, Ibrahim Eris: o Brasil pretende pagar, não quer um confronto com os bancos privados credores, mas "não avalizará soluções que desconsiderem o imperativo do crescimento e do desenvolvimento do País". Em outras palavras: o Brasil vai pagar somente o que pode. E, como tem demonstrado a professora Zélia com dados que até a missão técnica do FMI que esteve há pouco tempo em Brasília já endossou, nosso país não pode pagar agora todos os juros atrasados. Não há concessões políticas nem retórica para agradar autoridades, banqueiros e empresários. Collor, Zélia e Eris têm sido absolutamente francos e sinceros.

Mas os discursos fazem pouco, como sabem todos os que se acostumaram a ouvir os que fazia o governo anterior. O que está entusiasmando os interlocutores do presidente e restabelecendo a confiança no governo brasileiro são os fatos concretos que Collor de Mello e a ministra da Economia têm apresentado para comprovar a tese de que

o Brasil hoje é realmente muito diferente daquele país dos tempos dos presidentes João Figueiredo e José Sarney.

No pronunciamento que fez na Câmara de Comércio Brasil-EUA, mesmo lugar onde Collor esteve, a ministra Zélia traçou um roteiro das providências adotadas pelo governo para transformar a realidade brasileira e colocar o Brasil, a "passos radicais, no caminho da modernidade": política fiscal austera para eliminar o déficit público, liberdade econômica com a redução da interferência do Estado e abertura econômica com a liberação de importações e a eliminação de cartórios como o da informática que entravava o desenvolvimento nacional.

Os participantes de um seminário do Banco Mundial esta semana em Nova York também vão ficar conhecendo, em pormenores, numa palestra do secretário da Administração, João Santana, um dos pontos mais vitais dessas mudanças: a reforma administrativa. Santana vai mostrar que em seis meses o governo afastou dos quadros da administração pública 240 mil servidores e pretende, até o final de seu mandato, eliminar ainda cerca da metade — 300 a 350 mil — dos 662 mil servidores federais ainda remanescentes. A reforma, incluindo o saldo conseguido com vendas de mansões, apartamentos, carros e aviões, já proporcionou aos cofres públicos uma economia equivalente a 0,5% do PIB. O que não foi o mais importante, diga-se. O mais significativo é que ela está levando a uma mudança nos hábitos dos brasileiros em relação ao setor público. Ninguém — a não ser a CUT, porque está perdendo poder — sentiu falta dos funcionários que foram demitidos. As repartições continuaram funcionando normalmente. Até melhor.

Para os empresários americanos, ao falar das transformações que empreendeu, o presidente Collor comparou o Brasil a uma empresa falida, que mudou de diretoria e aplicou um programa de reestruturação que começa a dar certo. E concluiu: agora, os credores precisam dar à nova diretoria um mínimo de crédito para permitir que a recuperação se consolide.